

# A mesma velha marmita

Fernando Pedreira \*

“Masaryk fundava sua política na moralidade. Procuremos hoje, em novos tempos e por novos caminhos, reviver esse modo de conceber a política. Ensinemos, a nós mesmos e aos outros, que a política deve refletir a aspiração de cada um de contribuir para o bem-estar geral, e não o desejo de enganar e pilhar a comunidade, que a política não é necessariamente a arte do possível — a arte do cálculo, das intrigas e arranjos secretos e do oportunismo —, mas pode ser também a arte do impossível, a arte de fazermos, a nós mesmos e ao País, melhores” (Václav Havel, presidente da Tchecoslováquia, *Um Discurso de Ano Novo*).

Nestes dias de abril, a maioria dos brasileiros preocupa-se em saber se as empresas onde trabalham terão dinheiro no fim do mês para pagar os salários e se o presidente da República já pulou (ou vai pular) de pára-quedas, atrás das linhas inimigas. O presidente dos brasileiros gosta de mostrar-se imprevisível e destemido. A guerra no front burocrático da inflação não parece satisfazer seus ímpetos combativos, e talvez ele gostasse mais de enfrentar batalhas de verdade, que lhe permitissem desafiar as balas do inimigo e mandar tropas ainda mais temíveis e aguerridas que as do tributarista Tuma.

É muito possível que os males brasileiros, nas alturas a que chegaram, precisassem verdadeiramente, para serem abatidos, de uma dose considerável não só de bravura como de insensatez. Mas a pirotecnia presidencial somada às angústias decorrentes do reajuste da economia, talvez esteja fazendo com que a opinião pública e o próprio governo percam de vista alguns traços essenciais da revolução em curso e acabem por frustrá-la.

“A inflação acabou”, proclama o palácio, entreabriindo algumas de suas torneirinhas. Seria hora, agora, de reaquecer a máquina e retomar “com vigor” o desenvolvimento do país. Na verdade, é uma tola ilusão dizer que a inflação acabou, quando os fatores básicos que a geraram continuam íntegros, na sociedade e na economia. Esses fatores, com efeito, são muito menos da ordem financeira do que de ordem moral e cultural. Se não foram eliminados ou severamente corrigidos agora, a inflação voltará mais ou menos rapidamente, logo que venha a afrouxar-se o garrote da liquidez.

Esse é um filme que os brasileiros já viram (o no qual trabalharam) mais de uma vez. Nos anos de austeridade (sofrida austeridade) do marechal Castello, a inflação baixou a níveis civilizados, quase nulos. Recomeçou a subir logo depois, empurrada pelo entusiasmo desenvolvimentista do governo Médici, e subiu mais ainda com os grandes escândalos financeiros e os programas do Brasil-potência do general Geisel. A partir do fim do AI-5 e da volta gradual da liberdade política, sob os governos Delfim Netto e José Sarney, em vez de abater-se, a inflação atingiu níveis nunca dantes navegados ou sonhados.

As asperezas do regime militar mascaravam e de certo modo continham os nossos veios gastradores. A democracia abriu-lhes as portas. Teremos aprendido a lição? Não me parece. O Plano Collor abateu a círanda inflacionária antes do desastre, antes que a hiperinflação completasse a destruição da moeda e da economia. A consequência é que, hoje, cada vez mais, entre os chamados grupos formadores da opinião, e entre os próprios economistas e agentes econômicos, as agruras que sofremos são atribuídas, não ao mal, mas ao remédio; não ao “barato” da overdose que nos mata, mas à supressão brusca da droga, das injeções de moeda falsa.

A inflação não é um problema “técnico”, neutro. Não há inocência na inflação. Há ga-

nância e má fé. Era preciso que vissemos com mais clareza o que aconteceu no Brasil nos últimos dez anos e, especialmente nesta fase final, sarneyca. Todos nós (da minoria privilegiada) participamos, em diferentes medidas, das benesses do processo, mas isso não nos deve impedir de ver e de denunciar o que de fato ocorreu. E o que ocorreu, nesses meses e anos, foi um assalto organizado e bem orquestrado às finanças do País e do povo em geral.

Enquanto frei Mailson e seus numerosos antecessores e acólitos rodavam a guitarra do Banco Central, o grupo em torno do presidente da República, o grupo de S. José do Pericu-mã, gastava e ganhava. Obras supérfluas ou mal concebidas, comissões, negociatas, especulação. E o grupo palaciano não estava sozinho; havia outros, públicos e privados, nacionais e estrangeiros, igualmente atilados e ativos. Parte desse dinheiro mal ganho, ou mal distribuído, ficou entre nós; boa parte, talvez a melhor parte, bateu asas.

Há banqueiros, no exterior, que estimam entre 35 e 50 bilhões de dólares a quantidade de dinheiro que saiu do Brasil, só em 1989 — um ano, diga-se de passagem, em que a dívida interna, fabricada pelos juros do Banco Central, mais do que dobrou em termos reais, i.e., descontada a correção monetária.

Estou convencido de que é um erro passar simplesmente uma esponja em tudo isso. “Esquecer” as imensas fortunas feitas no Brasil e sobretudo lá fora por servidores públicos, desde o célebre Shigeaki Ueki até os inúmeros heróis de safras mais recentes. Perdoar essa gente e ignorar o assalto sistemático que o País sofreu é, na verdade, abrir a porta da impunidade para novas roubalheiras futuras,

além de ser

uma afronta e

um desrespeito

aos pequenos

poupadores

que hoje so-

frem com o seu

dinheiro

bloqueado, pa-

ra serzir o rom-

bo que os tuba-

rões fizeram.

Nossos me-

lhores repórte-

res (econômi-

cos ou não)

especializam-se

hoje em espalhar

microfones no

nariz das auto-

ridades e recitar, com os olhos postos na câmera, textos em geral anódinos. Não temos o

que os norte-americanos cha-

mam *investigative reporting*.

Será talvez preciso que venha

lá dos States um daqueles co-

bras do *New York Times* ou do

*Washington Post* (ou, quem sa-

be, um outro *brazilianist*) para

que se possa ler um dia a história verdadeira, e a denúncia, do

grande Assalto ao Tesouro pú-

blico e dos haveres do povo,

acontecido no Brasil, ao longo

dos últimos anos.

A inflação não acabará enquanto não mudar a mentalidade que tem dominado nossa vida pública e que, ainda agora, estufa o peito de tantos aproveitadores, grandes e pequenos, engasgados de indignação diante do “osbulho” do Plano Collor. E, para que mude a mentalidade, é preciso que se revele o que a inflação esconde: suas vísceras, seus fatores, grandes beneficiários, a gastança, a enorme roubalheira.

É possível que não se chegue

nunca a condenar na Justiça e a

prender os principais responsá-

veis e os mais notórios gatunhos,

mas não há dúvida que a simples

denúncia detalhada e a conse-

guinte execração pública teriam

um salutar efeito educativo e ini-

bidor. Fernando Collor está

muito enganado se pensa que tu-

do o que tem a fazer agora é

simplesmente reacender o fogo

sagrado do desenvolvimento e

reaquecer a economia.

Duzia e meia de cortes cosmé-

ticos nas gorduras de Brasília não

mudaram o clima cultural e moral

em que vivem mergulhados nos

nos homens públicos (e os priva-

dos também). Não mudaram se-

quer a desastrosa dependência

política da moeda e do Banco

Central. Reaquecer, neste quadro,

a economia, desapertar a liquidez,

é apenas reaquecer a mesma velha

marmita. Com os resultados de

costume. Bom apetite, senhores.

\* Jornalista

“Há banqueiros que estimam entre 35 e 50 ‘bilhões’ de dólares a quantidade de dinheiro que saiu do Brasil, só em 1989”